

OLISIPO

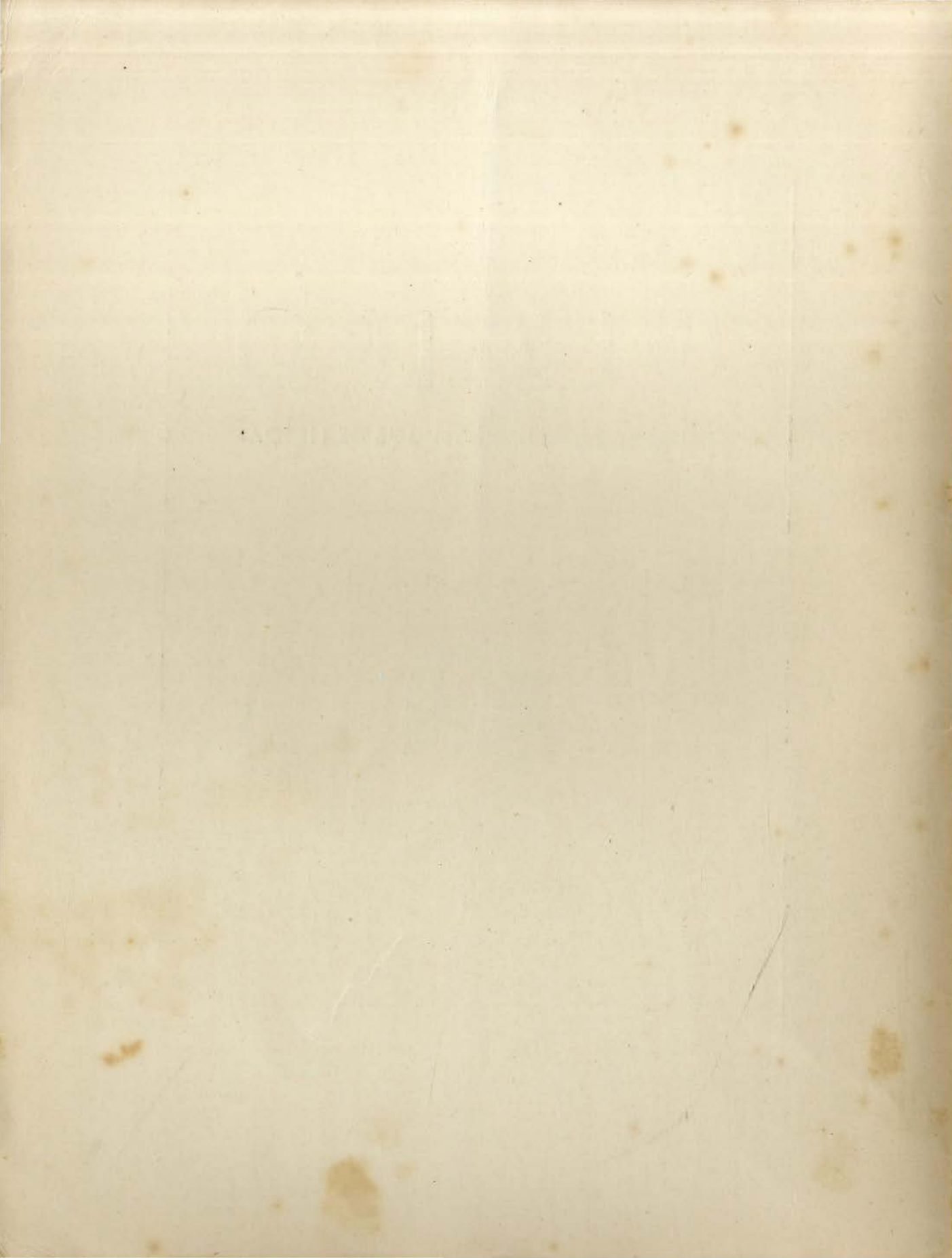
BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO IV

N.º 16

OUTUBRO - 1941



OLISIPPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

SUMÁRIO

- EPITÁFIOS CURIOSOS DE SEPULTURAS
DO CEMITÉRIO DOS PRAZERES

POR *A. Vieira da Silva*

- A IGREJA DO MENINO DEUS

PELO ARQUITECTO *António do Couto*

- OS PETISCOS DE LISBOA E O CARNAVAL

POR *Eduardo Fernandes (Esculápio)*

- VELHAS CASAS DE LISBOA

PELO *Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal*

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores
ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS

OFFICIAL

OFFICE OF THE SECRETARY OF THE INTERIOR
WASHINGTON, D.C.

RECEIVED

DEPARTMENT OF THE INTERIOR
WASHINGTON, D.C.

NOVEMBER 1848

TO THE SECRETARY OF THE INTERIOR
WASHINGTON, D.C.

DEPARTMENT OF THE INTERIOR

WASHINGTON, D.C.

THE SECRETARY OF THE INTERIOR
WASHINGTON, D.C.



Epitáfios curiosos de sepulturas do Cemitério dos Prazeres ⁽¹⁾

POR A. VIEIRA DA SILVA

A forma como as pessoas manifestam e exteriorizam o seu pesar pelo falecimento dos entes que lhes foram queridos assume os característicos mais variados e imprevistos. Não negando que essas manifestações exprimam sinceramente o desgosto de quem se acha sob o domínio de uma forte comoção, é todavia certo que as pessoas indiferentes ou alheias a tais sentimentos, as vêem apenas pelo lado que lhes impressiona os sentidos, e, se muitas vezes lhes parecem sentidas e sinceras, outras acham-nas risíveis e caricatas.

O que se dá de viva voz, ou por gestos mais ou menos destrambelhados, que traduzem instintivamente o pesar nas manifestações fúne-

(1) O desenho que encima este artigo é do gracioso publicista e nosso amigo Cardoso Marta.

bres, também acontece muitas vezes no remanso e sossêgo do lar, aos sobreviventes que choram os seus entes amados, estudando, compondo e mandando gravar nas suas sepulturas epitáfios que o público, indifferente à dor, acha simplesmente picarescos.

Êste costume de adicionar nas campas, ao nome do sepultado e às datas do nascimento e morte, a enumeração das suas qualidades pessoais, honrarias ou cargos que desempenhou, e versos em honra da sua memória, tem sido de todos os tempos e de todos os países.

Entre nós, já no século XVI encontrava cultores.

J. H. da Cunha Rivara publicou em *O Panorama* ⁽¹⁾, uma série de epitáfios, em latim e em português, de sepulturas em Portugal, que êle diz, sem precisar a origem, terem sido coligidos por um curioso do século de quinhentos.

Por curiosidade, reproduzimos aqui alguns de Lisboa.

No claustro do mosteiro do Carmo:

Aqui jaz Pero Cegú
Que teve muito dinheiro,
E por amigos ficou nú:
Ei-lo aqui jaz sem dinheiro.

Defronte do altar-mor da igreja do mesmo mosteiro, junto das grades:

Esta é uma sepultura,
E debaixo dêste penedo
Está António de Macedo
Em pó e cinza escura.
Foi fidalgo muito nobre,
Rico abastado do mundo,
Emfim cá deixou tudo,
E aqui está muito pobre.

No claustro do mosteiro da Trindade:

Aqui jaz Pero Machado,
O qual morreu matado.

(1) Vol. IV, 1840, págs. 271, 275 e 287.

Na casa do Capítulo de S. Domingos:

Aqui jaz Pero Grou,
Que como os outros acabou.

No adro do Mosteiro da Graça:

Aqui jaz Pero Pico
Que viveu pouco e pobre,
E finou rico.

No mesmo mosteiro:

Aqui jaz o bem talhado
Que morreu afogado.

Na igreja do mesmo mosteiro:

«Esta é a mais certa morada,
que Alvaro Moraes, e seus herdeiros
tiveram nesta vida»

Desde que foi ordenada a criação de cemitérios, e a proibição de sepulturas nos templos ⁽¹⁾, naqueles se concentraram tôdas as inscrições tumulares, permitindo a apreciação metódica, e por épocas, da evolução das formas de manifestação da dor em epitáfios ⁽²⁾.

Na cidade de Lisboa a inscrição de dizeres nos jazigos e campas está actualmente sujeita à censura pelos serviços camarários, e não raras vezes os interessados têm protestado contra a *prepotência* de não

(1) O aviso de 20 de Setembro e portaria de 12 de Novembro de 1833 proibiram as sepulturas dentro das igrejas, nos seus átrios e nos claustros dos conventos; e o decreto de 21 de Setembro de 1835 mandou estabelecer cemitérios em todo o reino.

(2) No meiado do século XIX começou a publicar-se um livro intitulado «Os Tumulos», por uma Sociedade d'Artistas, com os desenhos litografados de vários túmulos do Cemitério dos Prazeres. Já havia então muitos túmulos artísticos neste cemitério. No artigo descritivo de cada túmulo traz o epitáfio e as inscrições que o mesmo continha. Ficou só no 1.º volume, 1845, e o *discurso preliminar* é de Mendes Leal Júnior.

lhes permitirem pôr nos epitáfios todos os sinceros disparates que a sua dor lhes inspira.

A colectânea que segue é de alguns epitáfios mais... *interessantes* de alguns jazigos do 2.º cemitério, ou dos Prazeres, os quais, diga-se a verdade, são quási todos da segunda metade do século passado.

Por êles se poderá apreciar a literatura funerária dos nossos mais próximos avós.

Jazigo n.º 911 — Rua 5 A, lado esq.

ÊSTE MONUMENTO ENCERRA
AQUELA QUE MUITO AMEI.
E JUNTO A ELA VIREI
DESCANÇAR NA MESMA TERRA.

Ó VÓS QUE PASSAIS Sabei.
QUE NESTA SEPULTURA JAZ.
DESTE MUNDO EM ETERNA PAZ.
AQUELA QUE MAIS AMEI.

O SEU NOME LINDO DIREI
PARA QUE TAMBEM VENEREIS
OS RESTOS DA QUE CHORAREI.

MARIA SE CHAMAVA
JOSÉ ERA O SOBRENOME.
PEIXOTO SE APPELIDAVA.

Jazigo n.º 711 — Rua 27, lado esq.

TUA PATRIA ERA O CEU, DA TERRA TE SOLTASTE
ALMA SINGELA E PURA!
CHAMOU-TE O ETERNO PAI, AOS BRAÇOS SEUS VOASTE
LA' NÃO TENS AMARGURA.

AOS PÉS DO SUMMO BEM, SERENA E VENTUROSA
TEUS GOSTOS NÃO TEEM FIM.
AQUI VIVO EU SOSINHA, E SEMPRE LAGRIMOSA!
ROGA, O' FILHA, POR MIM.

Jazigo n.º 2795 — Rua 27, lado dir.

QUE IMPORTA QUE SEPRE A FERA MORTE
OS EXTREMOS QUE AMOR LIGOU NA VIDA
SE QUANTO MAIS VIOLENTA INTIMA O CORTE
VIVE A ALMA NO AFFECTO MAIS UNIDA?

E POSTO TE IMAGINE, OH TRISTE SORTE!
NOS HORRORES DE UM TUMULO ESCONDIDA
NUNCA NO PEITO MEU TE DIVIDISTE,
«ALMA MINHA GENTIL QUE TE PARTISTE!»

Jazigo n.º 615 — Rua 27, lado esq.

DEIXANDO O MUNDO
NA FLOR D'IDADE
OS CORAÇÕES
CHEIOS DE SAUDADE
PODE A MORTE ROUBAR-NOS
ALEGRIA DE O VER
MAS RISCA-LO DA NOSSA ALMA
NÃO PODE A MORTE FAZER.

Jazigo n.º 1296 — Rua 15, lado dir.

EI-LOS! NA TERRA UNIDOS
VIVERAM UMA HORA,
SORRIO-LHES MEIGA A AURORA
MOSTRANDO OS PATRIOS CEOS
ANJOS DE CASTA ESSENCIA,
POR ANJOS MIL CHAMADOS,
DE SANTA LUZ C'ROADOS,
VOARAM PARA DEOS.

Jazigo n.º 559 — Rua 27, lado esq.

EPITÁFIO ADOPTADO POR ELLE MESMO

EM DOCE ETERNO SOMNO, EM PAZ ETERNA
DA FORTUNA OS REVEZES JA' NÃO TEMES
INCONSTANCIAS DOS HOMENS NÃO RECEAS
NOVOS (*) TEMORES A MORTE NÃO TE INSPIRA
QUE UM DEUS O HOMEM NÃO NOSSAS FRAQUEZAS
NO TUMULO SEPULTA, E NOS PERDOA.

Jazigo n.º 552 — Rua 2, lado dir.

JA' BRILHOU SOBRE A TERRA O SEU ENCANTO
QUAL REFLEXO DO CEO OU DIVINDADE,
E HOJE NESTE JARDIM LUCTUOSO, E SANTO
SAM DUAS TRISTES FLORES DA SAUDADE
QUE REGA DE SEUS PAES O ETERNO PRANTO.

Jazigo n.º 66 — Rua 25, lado dir.

O TEU AMOR EXTREMOZ
MINHA VENTURA FORMOU
POREM O FADO INVEJOSO
TEUS DIAS EM FLOR CORTOU.

Jazigo n.º 1225 — Rua 17, lado esq.

O' CHRISTÃO DETEM TEUS PASSOS
PENÇA NA LEI DO CRUCIFICADO.
REZÁ POR ALMA DE QUEM REPOUSA
A' SOMBRA DESTA FRONDOSA ARVORE.

(*) Leitura duvidosa, por causa do sumido da inscrição.

Jazigo n.º 887 — Rua 6-A, lado dir.

O TUMULADO ORDENOU, EM SEU TESTAMENTO, QUE NA LÁPIDA DO SEU
JAZIGO SE GRAVASSE A SEGUINTE QUADRA:

DE POUÇOS HOMENS AMIGO.
E ESSES DE BOM JUIZO.
JUNTO DA SUA FAMILIA
ACHAVA O SEU PARAIZO.

Jazigo n.º 1037 — Rua 17, lado dir.

NESTE LUGUBRE DESTERRO,
DESAFOGAR PODEM AIS:
MAS NÃO PODE UM TAL ENCÉRRO
MATAR SAUDADES DE PAIS!

Jazigo n.º 1272 — Rua 15, lado dir.

JA' UM ANNO VAI, QUE A MORTE,
PERMATURA TEUS DIAS CORTOU:
E A MIM DE QUEM ERAS ENLÊVO,
O PRAZER COM TUA VIDA ROUBOU:

Jazigo n.º 696 — Rua 27, lado esq.

O' TU QUE ME ESTÁS LENDO
QUE TE IMPORTA OS OSSOS MEUS?
EMQUANTO FORES VIVENDO
RI DO MUNDO E TEME A DEUS.

AQUI JAZ

ANTONIO FERNANDES,
QUE TEVE LOJA DE CONFEITEIRO
NA ESQUINA DA RUA DE SANT'ANNA
A' BOA MORTE.

Jazigo n.º 886 — Rua 6-A, lado dir.

NÃO TIVE HONRAS NEM RIQUEZAS,
PORÉM TIVE UM BOM AMIGO,
E TÃO BOM E GENEROSO
QUE ME DEU ÊSTE JAZIGO.

Jazigo n.º 370 — Rua 21, lado esq.

BOM CIDADÃO, BOM PAI E BOM ESPÓSO
PRA' SUA ALMA ROGAI AO CEU REPOUSO!...

Jazigo n.º 1901 — Rua 13, lado dir.

REPOSA LA NO CEU ETERNAMENTE
E VIVA CA' NA TERRA EU SEMPRE TRISTE.

CAM.º

Jazigo n.º 546 — Rua 27, lado esq.

A' MEMORIA
DE JOÃO GOMES DA COSTA
NEGOCIANTE DA PRAÇA DE LISBOA
NASCIDO A 27 DE DEZEMBRO DE 1787 FALECIDO A 29 DE ABRIL DE 1846
EM TESTEMUNHO SOLEMNE DA SUA INALTERAVEL PROBIDADE
APENAS CREADO O BANCO DE LISBOA
FOI ELEITO SEU TESOUREIRO
CARGO QUE SEM INTERRUPTÃO EXERCITOU
ATE' O FIM DA VIDA
CIDADÃO HONESTO NA VIDA PUBLICA E PRIVADA
MORREU HONRADO SEM HONRARIAS
DO SEU VALIMENTO COM OS PODEROSOS DA TERRA
NADA APROVEITOU PARA SI MUITO PARA CONSOLAR ALHEIOS MALES
VIRTUOSO PAE DE FAMILIA
OS AFECTOS DOMESTICOS FORAM PARA A SUA ALMA PURA
UMA ASPIRAÇÃO DO CEU
MODELO DA AMIZADE

OS DUROS SACRIFICIOS QUE ELA A'S VEZES EXIGE
PARECERAM-LHE SEMPRE SUAVES
GENEROSO E BEMFAZEJO
FEZ MUITOS INGRATOS
E ESQUECEU-O
DEUS NÃO ESQUECERA' O HOMEM
QUE SOUBE PERDOAR
CONFIADOS NA ETERNA JUSTIÇA
QUE O CHAMOU A RECEBER O PREMIO
NA VERDADEIRA PATRIA
SUA ESPOSA E SEUS FILHOS
LHE CONSAGRARAM ESTE MONUMENTO
DE ESPERANÇA E DE SAUDADE

Jazigo n.º 1080 — Rua n.º 17, lado esq.

AQUI JAZ MIGUEL INACIO D'OLIVEIRA, FILHO LEGITIMO DO SNR. JOÃO
RODRIGUES D'OLIVEIRA E DE D. MARIA DA CONCEIÇÃO,
NASCEU EM VINTE E NOVE DE SETEMBRO DE 1785, SAHIO DE CASA DE
SEUS AVÓS, ONDE FORA EDUCADO
NA TENRA EDADE DE ONZE ANNOS E TRÊS MÊSES, VIVEU SEMPRE
INCOGNITO DE SEUS PARENTES, VIVEU SEMPRE EM
BOA ARMONIA COM OS SEUS SIMILHANTES, NÃO SÓ EM PORTUGAL,
COMO NO BRAZIL, COMO NAS AMERICAS HESPANHOLAS
ONDE RESIDIO POR ALGUM TEMPO, NUNCA ASSIGNOU PAPEL ALGUM
PARA PERSEGUIR O SEU SIMILHANTE,
CUMPRINDO SEMPRE COM A MAIOR PROMPTIDÃO TODOS OS SEUS PA-
GAMENTOS, EM QUANTO NEGOCIOU, A TERRA LHE SEJA LEVE.
FALECEU EM 14 DE NOVEMBRO DE 1862 — A TERRA LHE SEJA LEVE.

Jazigo n.º 1439 — Rua 11, lado esq.

FOI HONRADO E ACTIVO
NEGOCIANTE NO BRAZIL
E EM TODA A PARTE UM FIEL AMIGO.

Jazigo n.º 186 — Rua 25, lado dir.

Foi boa e carinhosa Mãe, excellente Consorte,
e dotada de todas as virtudes domesticas e sociaes.

Jazigo n.º 3710 — Rua 7, lado esq.

MODELO DE TODAS AS VIRTUDES
NOTAVEL PELO SEU AMOR FILIAL E HORROR A' MENTIRA
INTELLIGENCIA VARONIL
INSIGNE CULTORA DAS LETTRAS E SCIENCIAS
DISTINCTISSIMA PIANISTA, TALENTO MUSICAL

EI-LA AQUI INERTE MORTA
NESTA FRIA SEPULTURA
TINHA ESCAPADO A DOENÇA
SE NÃO SUCCUMBISSSE A' CURA.

FILHA ESTREMECIDA, ORA E VELA LA NO CEU POR
TEUS PAIS TÃO DESOLADOS PELA TUA PERDA

Jazigo n.º 1601 — Rua 17, lado esq.

QUE POSSO EU EXIGIR MAIS DO QUE
UM OLHAR, DO QUE UM SUSPIRO, DO
QUE UMA LAGRIMA?
E' TUDO; E' NADA!

(MEMÓRIAS DUM DOIDO, PAG. 197)

Jazigo n.º 265 — Rua 25, lado esq.

AQUI JAZ

.....
MORREO DE 14 ANNOS
10 MÊSES E 21 DIAS.
ERA AS DELICIAS
DE HUMA TIA,
E INSEPARAUEL DE HUM AMIGO FIEL.

Jazigo n.º 234 — Rua 25, lado esq.

V.º A.º MADEIRA TORRES
FALECEU EM 9
DE SETEMBRO DE 1902
CA' TE ESPERO

Jazigo n.º 1971 — Rua n.º 2, lado dir.

O JAZIGO FOI MANDADO FAZER POR A. J. F. PEDROSA, E TEM GRAVADOS
UM pé e UMA rosa, COM UM D INTERVALADO



A LIVRARIA PORTUGAL

agradece a visita de V. Ex.^a às suas modernas instalações, na

RUA DO CARMO, 70

NA NOSSA CASA:

Pode pedir informações sobre todos os livros, Nacionais e Estrangeiros; Fazem-se encomendas para todos os países; Examina-se, comodamente, todo o nosso vasto sortido, catálogos e bibliografias. Tem à sua escolha livros portugueses, franceses, ingleses, americanos, alemães, brasileiros, espanhóis, etc.; Secção de Literatura, Filologia, Medicina, Direito, Agricultura, História, Geografia, Técnicos, Filosofia e Religião, Arte, etc., etc. Encontra secção de livros para meninas, rapazes, senhoras e crianças, assim como as melhores novidades Nacionais e Estrangeiras.

Uma visita à nossa casa é, para quem ama os livros, um prazer. — As nossas instalações são amplas e modernas e temos um magnífico sortido. — Dê-nos V. Ex.^a a honra da sua visita e solicite os nossos serviços, que lhe serão sempre prestados com o maior agrado.

LIVRARIA PORTUGAL / R. do Carmo, 70/telef. 20582/Lisboa

A Igreja do Menino Deus

PELO ARQUITECTO ANTÓNIO DO COUTO

FOI êste templo começado a edificar nos princípios do Século XVIII, lançando-lhe a primeira pedra D. João V, em 4 de Julho de 1711, conforme se pode ler no escudo que sobressai por cima da porta principal.

Deu nome a esta Igreja, onde entrou com aparatoso cerimonial em 25 de Março de 1737, a imagem do Menino Jesus, tida por milagrosa, oferecida à Ordem Terceira pela madre Cecília de Jesus, do Convento da Madre de Deus, segundo vem mencionado no *Portugal Dicionário*, de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues (1).

Parece não oferecer dúvidas ter sido o architecto desta obra o célebre Ludovice, autor do projecto do Convento de Mafra e de outras obras espalhadas pelo país, embora Custódio Vieira, outro architecto da época, aqui também tivesse colaborado, conforme o afirma Gonzaga Pereira no seu livro «Monumentos sacros de Lisboa», que o aponta como autor das escadas da Igreja.

(1) Pena é que os autores não nos digam onde colhem esta noticia, porque nem a «Gszeta de Lisboa», nem o «Gabinete Histórico», nem ainda o «Mapa de Portugal» ou os «Monumentos Sacros de Lisboa» que descrevem a igreja ou a procissão fazem a menor referênciã a essa oferta. Também na «Crónica Serática» de Fr. Jerónimo de Belém, págs. 726 a 743 Cap.º XLV, que trata das «Heroicas Ações e Singulares Virtudes da Madre Sórora Maria do Sacramento, chamada antes D. Cecília Maria de Távora», o seu autor, tão prolixo na descrição da sua vida, nada nos diz desta dádiva. D. Cecília Maria de Távora nasceu a 10 de Abril de 1677, professou a 17 de Maio de 1693 e faleceu a 15 de Junho de 1753.

Pegado à Igreja pela fachada Sul, existia o edificio, hoje arruinado, do Hospital e Recolhimento de Manteletas da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas, conforme vem enunciado no 3.º vol. do Mapa de Portugal do padre Bautista de Castro. Êste edificio tinha entrada própria pela portaria, como ainda hoje se pode ver.

As fachadas Poente e Norte dão para quintais, encontrando-se a do Norte, aproximadamente, 9,00 m. soterrada pelos terrenos adjacentes, o que ocasionou bastante ruína nas cantarias e retábulos das paredes, por se encontrar entaipada a trincheira que a isolava do terreno.

Não existem, pois, neste templo, de planta oitavada, naturalmente pela configuração do terreno e talvez mesmo pela forma da sua planta, outras fachadas de valor architectónico apreciável, a não ser a fachada principal voltada ao Nascente, e esta mesmo ainda por acabar.

Ê ela formada por dois corpos laterais de 5,00 m. de largo e um central de 11,00 m., onde se abre a porta que dá ingresso à Igreja, somando um total de 21,00 em tóda a sua largura. De altura tem, desde a cimalha até ao piso do adro, 17,60 m.

A composição da fachada, como se observa nos corpos laterais, é formada por duas ordens architectónicas, sendo a inferior a dórica e a superior a jónica.

Sobe-se, no corpo central da Igreja, por dois lanços de escada de 12 degraus cada um para o patim da entrada, abrindo-se neste a porta principal, que é ladeada por um pórtico de ordem coríntia com colunas estriadas, sendo o entablamento rematado, nos extremos, por grandes volutas e, ao centro, por um escudo onde se lê em 5 linhas a seguinte legenda: «O muito alto e poderoso Rei de Portugal D. João V, lançou a primeira pedra e tóda esta obra em 4 de Julho de 1711». Gonzaga Pereira, nos «Monumentos Sacros de Lisboa», diz que foi a 4 de Agôsto, mas Bautista de Castro, no Mapa de Portugal, trás a data certa.

E' curiosa esta Igreja por não possuir janelas na frente principal, a não ser o janelão que se encontra sôbre porta de entrada e ilumina o côro.

As aberturas que aparecem na fachada, oito nos corpos laterais, dando para as escadas de caracol, e duas no corpo central que iluminam o côro, podem ser consideradas antes como frestas abertas em tabelas, do que como janelas, pouco valorizando a composição realmente grandiosa da fachada.

Na parte superior do corpo central, correspondente ao corpo da ordem jónica, aparecem 3 nichos sem estátuas, enquadrados por pilastras, entablamentos e frontões, curvos os dos lados e recto o do meio. Julgo que nunca as tiveram, assim como sucede em muitas Igrejas do barroco italiano.

Desconhece-se como o architecto pretendia rematar a fachada. Julgo mesmo que as obras foram suspensas como se encontram, pelo lagrimal da cornija, fazendo-se sentir por isso a ausência do acabamento do edificio, falta que se nota também no telhado, cuja cobertura não acusa a forma de planta oitavada da Igreja, como deveria ter sido concebida pelo architecto.

As outras fachadas não têm descrição, não só por estarem incompletas, mas também por se encontrarem entaipadas, as do Norte e Poente pelos terrenos e a do Sul pelo edificio anexo do antigo Hospício.

A fachada dêste, recuada 1,40 m. da frente da Igreja, estende-se para o Sul num comprimento de 26,20 m., e a não ser a entrada para a portaria, por onde se sobe por um lanço de 11 degraus, e a edícula, que a remata, de certo interêsse artístico, a parte restante, formada por numerosas portas, frestas e janelas, tem pouco ou nenhum valor architectónico, estando as janelas superiores entaipadas por haver desaparecido o interior da construção.

Entrando na Igreja pela porta principal, encontra-se o sub-côro, que abre para a Igreja por um arco de cantaria de volta abatida, tendo nas faces laterais duas portas, servindo a da esquerda de passagem para a portaria e a da direita para uma arrecadação.

A ordem coríntia com as suas pilastras estriadas comanda a rica composição interior da Igreja, que tem de comprimento 19,25 m. e de largura 15,40. Esta é, como já dissemos, de planta oitavada com as faces laterais mais compridas, o que concorre para lhe dar quasi um aspecto de nave.

Estão as paredes da capela mor tôdas revestidas de variados mármore embutidos, formando interessantes desenhos geométricos, predominando nesses mármore o arrábida, o lios e o azulino.

Ocupam os lados do polígono, em fundos arcos de cantaria de volta inteira, oito altares levantados na ordem compósita, em rico desenho de talha dourada.

Os altares, do lado direito de quem entra, ainda quasi todos bem conservados, são da Invocação de S. Miguel, S. José, S.^{ta} Ana e S. Francisco, e do lado esquerdo, S.^{ta} Clara, S.^{ta} Isabel, Jesus de Penedo e Assunção da Virgem.

Todos os altares têm retábulos pintados por artistas da época, excepto o de Jesus de Penedo, do qual desapareceu o quadro de «S.^{to} António» que o guarnecia e que foi substituído pela figura de Jesus de Penedo em tamanho natural, sendo êste mais tarde desviado para a Igreja da Graça, onde se encontra.

Preenchem ainda as faces laterais do corpo da Igreja, em composição delicada no estilo da época, dois belos púlpitos feitos de madeira e mármore, assim como os dosséis que os encimam.

Corre superiormente à cimalha geral da Igreja, e como a sustentar o tecto, um corpo intermediário, dividido por pilastras misuladas que são o seguimento das pilastras inferiores. Nas paredes laterais aparecem na prumada dos púlpitos dois nichos com suas simbólicas estátuas.

E' neste mesmo corpo que se abrem para a Igreja as oito elegantes tribunas das galerias, que são servidas pelas escadas de caracol. Seis dos vãos das galerias ajudam a iluminar a Igreja.

O tecto em forma de calota e alongado, como obriga a planta da Igreja, compõe-se de um grande painel central e duma cercadura de aparatosa composição architectónica, com tribunas, balaustradas, ornatos, etc., em perspectiva, como exígia o estilo da época.

O grande painel central, de forte moldura recortada com friso dourado, onde se encontram numerosas figuras, é atribuído a mais de um pintor e Cirilo e Taborda chamam-lhe «O grande quadro e as virtudes».

Tanto os autores dêste painel como os dos outros altares já se encontram mencionados no *Olisipo* n.º 4, de Outubro de 1938, devido à pena de Cruz Cerqueira.

A capela mor é peça igualmente sumptuosa, igualando-se a composição do seu traçado com as obras de arte e materiais que a formam.

Aqui, não só as paredes e pavimento são forrados de variados mármore idênticos aos da Igreja, como o são a sua curiosa abóbada de aresta e o formoso retábulo, composto no estilo clássico da ordem coríntia. Aos lados dêste, encontram-se executadas em mármore do

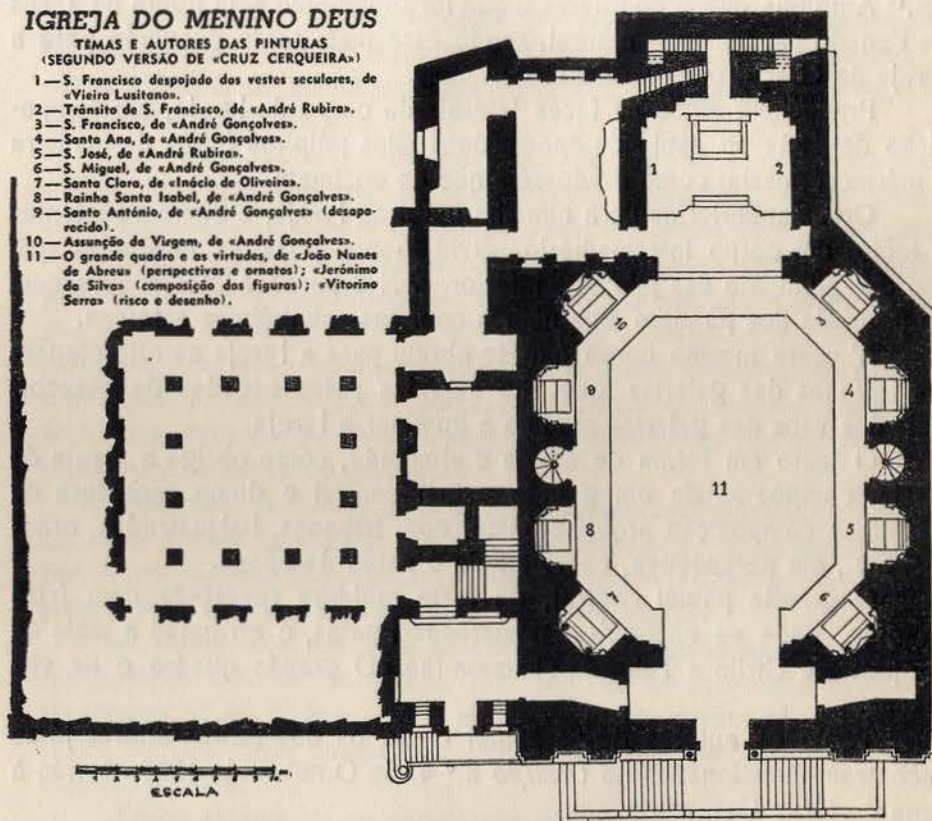
tamanho natural duas estátuas, representando a da direita, S. Francisco, e a da esquerda, S. Domingos. A estatueta do Menino, que Deu o nome à Igreja e existia neste altar, bem como o quadro a óleo foram retirados do seu lugar e leiloados ou transferidos para parte incerta.

Existem felizmente ainda, nas paredes laterais, os dois grandes

IGREJA DO MENINO DEUS

TEMAS E AUTORES DAS PINTURAS
(SEGUNDA VERSÃO DE «CRUZ CERQUEIRA»)

- 1 — S. Francisco despojado das vestes seculares, de «Vieira Lusitano».
- 2 — Trânsito de S. Francisco, de «André Rubira».
- 3 — S. Francisco, de «André Gonçalves».
- 4 — Santa Ana, de «André Gonçalves».
- 5 — S. José, de «André Rubira».
- 6 — S. Miguel, de «André Gonçalves».
- 7 — Santa Clara, de «Inácio de Oliveira».
- 8 — Rainha Santa Isabel, de «André Gonçalves».
- 9 — Santo António, de «André Gonçalves» (desaparecido).
- 10 — Assunção da Virgem, de «André Gonçalves».
- 11 — O grande quadro e as virtudes, de «João Nunes de Abreu» (perspectivas e ornatos); «Jerónimo da Silva» (composição dos figuras); «Vitorino Serro» (risco e desenho).



quadros a óleo emoldurados por grossas e ornamentadas molduras de mármore de côres, representando, em grandiosas composições, cenas da vida de S. Francisco e cujos autores o mesmo artigo de Cruz Cerqueira menciona.

Por cima destes quadros, abertos nos «seguintes» da parede, apa-

rêcem dois grandes óculos que dão luz para a capela, e por onde durante muitos anos entraram as águas das chuvas que deterioraram os quadros, principalmente o do lado da Epístola, por se encontrar entaipada, como já se disse, a trincheira que corria lateralmente nessa fachada. Felizmente êste perigo passou, visto encontrar-se já desobstruída do entulho que a enchia por completo, essa trincheira, construída para fazer o escoamento das águas dos próximos terrenos.

Dois elegantes lavabos de mármore metidos nos seus nichos e as formosas grades de ferro forjado com aplicações douradas, que ornamentam esta capela, mais ajudam e dão relêvo ao esforço despendido pelos artistas que conceberam esta verdadeira obra de arte.

Por detrás do altar, existem umas escadas de cantaria que o servem e vão dar a umas janelas voltadas para a trincheira de dreno aberta no terreno até à base do pavimento da Igreja, onde ao fundo aparece uma porta que dá para uma galeria, pela qual certamente se fazia a limpeza dessa trincheira.

Passa-se da capela mor directamente para a sacristia, que é uma sala quadrangular de $9^m,30 \times 5^m,20$, sem grande recheio nem concepção artística de marcado valor, fazendo-se notar sòmente pelo interessante lavabo de mármore de arrábida e lioz, assente no fundo dum arco de cantaria, motivo êste que se repete na parede fronteira para receber um altar.

A meio da abóbada semicircular, que cobre esta sala, e sôbre quatro pendentes, ergue-se um alto zimbório, onde se rasgam 4 janelas que dão luz a esta sala, também iluminada por um janelão aberto na parede do poente.

Arcazes com espaldar e portas almofadadas pouco concorrem para valorizar êste conjunto de fraco interêsse artístico.

Como já foi dito, o edificio do Hospício tinha a sua entrada principal pela portaria, que só tem a recomendá-la um silhar de azulejos, com cenas da vida de S. Francisco, motivo êste que se repete pelos lanços da escada de honra. Subindo 4 degraus de cantaria, encontra-se o primeiro patim da escada que dá também entrada para o pequeno mas interessante claustro do Recolhimento. É êste uma quadra de $14^m,10$ de lado, formada por três arcos de cantaria de volta inteira em cada ala, repetindo-se o mesmo motivo architectónico no andar superior.

O teto das quatro alas do pequeno claustro é formado por abóbada de aresta, feita de alvenaria, correndo-lhe em volta das 4 paredes 16 interessantes painéis de azulejos com figuras, representando cada quadro um motivo popular diferente, como cenas de pesca, de caça, pastoris, barcos, pontes, etc.

Não só pelos assuntos que representam, como pelo bem desenhado das figuras e do bom estilo da ornamentação das cercaduras, é-nos bastante agradável chamar para êles a atenção dos visitantes.

Todo o resto das construções do antigo Recolhimento, salvo modestos aposentos que o Estado vai alugando a gente humilde, desapareceu por derrocadas sucessivas, provocadas, umas por incêndios e terramotos e outras com certeza por falta de conservação.

No entanto, seria de aconselhar proceder-se pelo menos, além de outras obras de conservação, à colocação da antiga cobertura do claustro superior, no estilo da época do Recolhimento, o que não seria nem muito difícil nem muito dispendioso.

Parece-me que não ficaria mal à Direcção dos «Amigos de Lisboa» chamar a atenção dos poderes públicos para que a êste Monumento fôsse dado qualquer destino, civil ou religioso, visto que o estado de abandono de há tantos anos, sem uma vigilância e limpeza aturadas, concorre em muito para a sua ruína.

NOTAS

Do *Dicionário Portugal*, de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, págs. 510 e 511 :

«IGREJA DO MENINO DEUS» — Foi um recolhimento de mantelatas da ordem Terceira de S. Francisco, de Xabregas, onde também há um hospital para os doentes da mesma ordem, para a sua fundação, que teve princípio em 1710 comprou a ordem Terceira umas casas que possuía João António de Alcáçovas defronte da antiga igreja paroquial de S. Tomé. A 4 de Julho de 1711, lançou D. João V a primeira pedra no edificio, concorrendo com avultada esmola para a continuação da obra, que nunca se concluiu. A ordem Terceira obrigou-se por uma escritura a pagar todos os anos 70\$00 ao prior e beneficiado da referida paróquia, pela falta da regalia das festas que a mesma ordem executava com os religiosos neste hospício, e por poderem sepultar na sua igreja os terceiros. No altar-mór do novo templo foi colocada a imagem do Menino Jesus, imagem muito afamada e milagrosa, que fôra oferecida à Ordem pela madre Cecília de Jesus, do convento da Madre de Deus. A igreja ficou conhecida pelo nome, que ainda hoje conserva, de Menino Deus. No hospital havia enfermeira-mór e mais cinco irmãs, em cujo número entrava a aia do Menino Jesus. O terremoto de novembro de 1755 não causou prejuízo à igreja, e para ali foram os cônegos e a basílica de Santa Maria, que tinham estado em barracas na freguezia de S. José. A primeira vez que exerceram os actos eclesiásticos na freguezia do Menino Deus foi da festa do Anjo Custódio em 1757. As enfermarias do hospício e casa do despacho da ordem Terceira é que ficaram arruinadas. Na ocasião do terremoto vieram para esta igreja de S. Tomé e Salvador, saindo mais tarde, a de S. Tomé para S. Vicente e a do Salvador para a sua antiga igreja. Actualmente no Menino Deus existem as irmandades do Menino Jesus, a do Senhor Jesus do Penedo, e a do Rosário.»

Da *Gazeta de Lisboa*, de 28 de Março de 1737:

«No sábado 23 de Março de 1737 e domingo 24 se benzeu e sagrou a nova igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, estabelecida até agora no convento dos religiosos do mesmo santo em Xabregas, dedicada a Jesus Menino com o título de Menino Deus. Fez esta função com tôdas as cerimónias que ordena o ritual Romano, o ilustríssimo Bispo de Constantina D. José Corrêa, e a milagrosa imagem do Menino Deus, foi transferida com procissão pública na tarde de segunda feira 25 dêste mês da igreja antiga onde se venerava e onde resplandeceu com infinitos milagres para a nova, magnificamente construída tôda de excelente liós e adornada de mármore de diferentes côres: e El-Rei nosso Senhor que no ano de 1711 lançou a primeira pedra do seu alicerce, fez agora mais solene êste acto acompanhando a procissão com o príncipe e os senhores infantes D. Pedro e D. António; e depois de colocada a sagrada imagem no tabernáculo da capela-mór, se cantou o Te-Deum com excelente música de instrumentos vozes muita parte de tudo o que neste particular se obrou, ao grande e activo cuidado e acertada direcção de D. Diogo Fernandes de Almeida, actual ministro da mesma ordem.»

Do *Gabinete Histórico*, de Frei Cláudio da Conceição, vol. VI, pág. 34:

«No dia 4 de Julho foi o Senhor Rei D. João V acompanhado dos infantes seus irmãos o Sr. D. António e o Senhor D. Manoel, e de muitos Títulos da sua Côrte, e Casa Real lançar a primeira pedra, com muitas e diversas moedas de ouro, fabricadas no mesmo ano, no edificio da igreja, e hospital do Menino Deus da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas. Continuaram as obras vinte e seis anos com esmolas adquiridas pela mesma Ordem fazendo-se uma excelente igreja tanto na forma da architectura como na vária pedraria, de que tôda se adorna; e no dia 25 de Março de 1737, se colocou nela a milagrosa imagem do Menino Deus, Patrono da Ordem Terceira, e Titular da igreja, levada em procissão, que acompanharam com tochas o mesmo Senhor Rei D. João V, o Príncipe D. José seu filho e os Senhores Infantes D. Pedro e D. António. Era Comissário o Padre Frei Jerónimo de Belém, e Ministro da mesma Ordem D. Diogo Fernandes de Almeida, dos Condes de Assumar, depois Principal da Santa igreja de Lisboa.»

Do *Mappa de Portugal*, do Padre João Bautista de Castro:

MENINO DEUS. — É êste um recolhimento de mantelatas da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas, onde também há hospital para enfermos da mesma Ordem. Teve princípio a sua fundação no ano de 1710, porém a 4 de Julho de 1711 lhe lançou a primeira pedra no edificio a Magestade de El-Rei D. João V, concorrendo com grande esmola para continuação da obra. A Ordem terceira se obrigou por uma escritura a pagar todos os anos setenta mil réis ao prior, e beneficiados desta paróquia pela falta da regalia das festas, que a mesma Ordem executa com os

religiosos neste hospício, e por poderem sepultar na sua igreja os Terceiros. Ficou esta igreja livre do perigo, e para êle foram os cônegos, e mais Basílica da Santa Maria residir; sendo a primeira vez que exerceram os actos eclesiásticos dia do Anjo Custódio do ano de 1757, havendo antecedentemente estado na barraca da freguezia de S. José. As enfermarias porém dêste hospício, e casa do despacho da Ordem Terceira ficaram muito arruinadas.

LISBOA

Lava o celebradíssimo Tejo com as suas correntes as ribeiras de Lisboa, fazendo espelho aos montes e torres d'aquella antiquissima cidade que na prerogativa dos annos excede a todas as que os contam por séculos. O ceu, a terra, o mar, todos concorrem, n'aquelle admiravel sitio, tanto para a grandeza universal do imperio, como para a conveniencia tambem universal dos subditos, posto que tão diversos: o ceu na benignidade dos ares mais puros e saudaveis, porque nenhum homem, de qualquer nação ou côr que seja, estranhará a differença do clima; para os do polo mais frio, com calor temperado; e para os da zona mais ardente, com moderada frescura; a terra na fertilidade dos fructos e na amenidade dos montes e valles, em todas as estações do anno sempre floridos, por onde do nome de Elysia se chamam Elysios os seus campos, dando occasião ás fabulosas bemaventuranças e paraíso dos heroes famosos; o mar, finalmente, na monstruosa fecundidade, porque n'aquella campina immensa, que não secca o sol nem regam as chuvas, assim como nos prados da terra pastam os rebanhos dos gados maiores e menores, assim alli se criam sem pasto os maritimos em innumeravel multidão e variedade, entrando pela barra da cidade em quotidianas frotas, tanto para a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos grandes; sendo n'esta singular abundancia Lisboa, não só a mais bem provida, mas tambem a mais deliciosa terra do mundo.

P.º ANTONIO VIEIRA
CARTAS — VOL. II, p. 205

Os petiscos de Lisboa e o Carnaval

CONFERÊNCIA REALIZADA NA SEDE DO GRUPO *AMIGOS DE LISBOA*,
EM 20 DE FEVEREIRO DE 1941,

POR EDUARDO FERNANDES (ESCLÁPIO)

(Continuação)

MUITAS outras *casas de iscas* houve em Lisboa: a do Romão, galego, às Portas de Santo Antão, onde está hoje o Politeama; em Santo António da Sé, no Calhariz, na Calçada do Combro, nas Janelas Verdes, em Belém, em Alfama, mas quasi tôdas deram a alma ao Criador. O petisco passou de moda e já não é costume *ir às iscas*. Apenas no Largo do Carmo, na esquina que volta para a Travessa da Trindade, uma casa do género se estadeia ainda e tem à porta um letreiro original que começa pelo seguinte: *Iscas Permanentes*.

Por aqui se vê como as *iscas* de fígado estão pegadas à tradição.

A *casa das iscas* do Largo do Carmo — vá lá uma pequena digressão do assunto, que vem a-propósito — foi antigamente uma oficina de fabricação de baús, instituída por um galego de apelido Barral que teve dois filhos: um, o abalisado médico João Gregório, mais conhecido pelo *Baüleiro*, em razão da profissão do pai, que me tratou de um ataque de anemia aos 7 anos, e outro o farmacêutico Barral, da antiga botica da rua do Ouro, pai do *sportman* João Barral, que foi meu discípulo e deu brado em Lisboa com as equipagens em que transpor-

tava ao Campo Pequeno o tão falado espada *Guerrita*, o qual, segundo li, está a morrer em Córdova (1).

Voltando à vaca fria, ou, quero dizer, às *iscas*: também o *Magina*, a casa de pasto da rua de Santo Antão, armou em *casa das iscas*, mas deixou o negócio e transformou-se em *bar* e em *restaurant*, engeltando os populares *bifes de cabeça chata*, como, em calão de pelintras, se designavam em tempos as mimosas lascas de fígado de vaca.

Era no tempo em que o fígado se vendia pelas ruas, à mistura com o bofe e a fressura, em caixas de madeira sanguinolentas, com o fel pendurado, às costas de vendilhões, também cobertos de sangueira, um facalhão espetado na mercadoria, e a gente ia às vezes comprá-lo às *casas* ou *armazéns de iscas*, pois tinham também esta imodesta designação, para *entalar* uma *isca* num quarto de pão e fazer do petisco um confortável lanche.

Dos *armazéns das iscas* passarei às *tabernas dos galegos*, também muito populares em tempos idos e instituídas na cidade pelos cidadãos de Tuy que nela enxameavam, uns abrindo e servindo êsses estabelecimentos, donde passavam mais tarde para as casas de pasto e cafés, e outros carregando com as nossas mobílias, enchendo barris de água nos chafarizes para no-la venderem a vintem cada barril, ou encarregando-se dos recados e da transmissão de missivas amorosas.

Os galegos, com a criação da Companhia das Aguas, a aparição da viação acelerada e a intromissão do telefone, deixaram de ter que fazer na cidade e já se não reúnem, senão raramente, em grupos pelas esquinas, com as cordas ao ombro, a chapa de aguadeiro e a blusa de condutor da bomba de incêndios.

E' uma fauna que quasi desapareceu, sendo hoje substituída por homens dos termos de Goes e Arganil, e, se a imigração da Galiza para Lisboa ainda não teve o seu termo, é porque os galegos que já cá estavam e os que chegam vão povoar as casas de comidas e bebidas e os cafés onde tão necessários são ainda os seus valiosos serviços e as suas raras qualidades de gente trabalhadora.

As principais *casas de galegos* dos antigos tempos de Lisboa

(1) E morreu, efectivamente, passados dias desta conferência.

eram situadas no Bemformoso, na Bica, no Bairro Alto, em Alfama e em Alcântara, onde os moços de fretes e aguadeiros também viviam em colónias ou colmeias, nas suas características *casas de malta*, com o seu *capataz*, que era em geral quem superintendia nos serviços dos chafarizes, onde os barris faziam bicha e, nas sucessivas faltas de água, governava nos patrícios como ditador.

Tôdas essas *casas de comidas dos galegos* tinham a um canto duas ou três padiolas em que os freguezes faziam as mudanças, acompanhadas de uns trofeus constituídos pelo pau, a corda e o chinguiço que lhes serviam para acomodarem e transportarem o frete nos ombros calejados.

Os freguezes chegavam com os seus barris que lhes serviam de banco, e acomodavam-se junto do balcão onde faziam as suas refeições: carapaus fritos, fressura de porco, petiscos baratos e, por cima ou no fim do repasto, a indispensável *cunca* de caldo, uma tigela com uma caldoça negra, onde despejavam o que lhes restava de vinho no copo, saboreando, então, aquela berundanga com suspiros de íntima satisfação.

Havia menino que, regulando bem os seus *menus* e porque a *cunca* de caldo era de borla, gastava por dia um pataco, ficando-lhe o que fizera nos fretes, nos recados, na venda da água e no trabalho do rescaldo dos incêndios para acumular e comprar *fincas* na terra, onde tinha a mãe dos filhos entregue ao abade.

A antiga Carreirinha do Socorro, como então se chamava ao comêço da rua dos Cavaleiros, onde fica a porta da caixa do teatro Apolo e onde foi fundado o antigo Ginásio Clube, era povoada por essas tascas sórdidas e sombrias, de que era exemplo o *Campainhas*, na mesma Carreirinha, esquina do Bemformoso, com as suas campainhas armadas em carrilhão quando se abria a porta, hoje transformado em casa de pasto, loja e 1.º andar, tascas que se estendiam depois pelo Bemformoso até ao Intendente e derivavam para o sítio da Mouraria, galgando a seguir outros sítios da capital.

Assim, teve origem a famosa *casa do João do Grão*, em frente da demolida praça de toiros do Campo de Santana, casa tão conhecida dos aficionados de então, que a frequentavam à compita com os galegos para saborearem as suas famosas *meias desfeitas*, ou seja uma posta

de bom bacalhau sueco ou inglês, misturada com uma ração de grão de bico espanhol, muito bem cozido, uma mistura de cebola e salsa picada, sal, pimenta, o fio de azeite e a rega de vinagre que já descrevemos quando tratámos do mólho da conserva das iscas.

Não se calcula o apetitoso sabor dêste petisco e de lamentar é que muitos dos que me escutam não o tivessem provado *in loco*, sôbre a mesa ou balcão de pinho da locanda, com o antigo garfo de ferro de três dentes e cabo sem madeira.

E' caso para dizer com o meu colega Camões ao descrever os encantos da Ilha dos Amores:

Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

O *João do Grão*, demolida a praça de toiros, deixou o seu local junto do edificio onde hoje está o Instituto Câmara Pestana e passou-se para a Mouraria, donde mais tarde veio para a travessa da Palha, a fazer concorrência ao *Gargamalo*, outra casa do seu género, e ainda a outras que pela cidade houve e tendem a desaparecer.

Uma delas foi o conhecido *Café dos Anarquistas*, em frente da fachada principal do teatro da Trindade, voltando de S. Roque, ou da Misericórdia, como agora chamam à rua, casa bem conhecida dos jornalistas e literatos que viviam a boémia do espírito à roda dos anos em que se proclamou a República.

As *casas dos galegos* eram, em geral, pertença de dois patrícios que se revezavam na sua manutenção, seis meses um e seis meses outro, indo cada semestre um dos sócios para a terra, a tratar dos haveres dos dois, que precisavam de cultura e orientação.

Ambos êles trabalhavam como moiros e se correspondiam nas suas mútuas obrigações, obedecendo regularmente ao *roulement* que se tinham imposto.

Eram coadjuvados por cosinheiros e moços também galegos, gente sóbria e sem apetites, que se sujeitava a uma vida de bicho de cozinha, sem apuros de *toilette*, vivendo exclusivamente para a locanda e não se poupando a satisfazer as exigências dos fregueses.

Com as *meias desfeitas*, que custavam nêsse tempo uns três vin-

tens, com o seu caldo no fim, caldo servido na clássica tigela, a que se chamava uma *rolinha*, com mais ou menos *entulho*, que assim se denominava o resíduo de couves, nabos e grão com que o caldo era adubado, serviam também o *meio temperado*, ou seja a *desfeita* sem bacalhau, e muitos outros saborosos e originais petiscos.

Na cantilena do criado de mesa figuravam o chispe com ervas, que fazia um jantar delicioso, seu chouriço de sangue à mistura; a cabeça de porco e a orelheira, com o mesmo acompanhamento; a carne cosida à galega, com chouriço, presunto, toucinho, arroz e grão; a mão de vaca, ou *meia unha*; e os carapaus fritos, muito bem fritos, a dez réis e a vintém cada um, com a sua competente salada de alface, agriões e vários cheiros.

Claro que o aspecto da casa onde se comia, a indumentária dos galegos, o interior do balcão com as suas grandes pipas, o recheio da cosinha, e, sobretudo, o amanho do pátio, quando os saguões da Baixa tiveram fama de mal apresentados, para não descermos a minucias, não eram muito agradáveis à vista, mas o paladar suportava-os porque ofereciam prazeres que custavam pouco dinheiro e, em vez de repugnarem, eram vivamente apetecidos.

Em uma dessas casas da travessa da Palha se instituiu, por iniciativa do Leonardo, actor brasileiro que esteve algum tempo entre nós, um *Club dos Combatentes*, que se reunia para estrondosas ceias numa espécie de gabinete da baiúca. Faziam parte do grupo os actores Inácio, Álvaro Cabral, Alfredo Carvalho e Henrique Alves, vários jornalistas e escritores há muito falecidos, a quem aqui rendo o preito saudoso da minha homenagem ao seu belo espírito de camaradas e de boémios.

As *casas de pasto*, também geridas por galegos, mas bastante mais aceadas, e apropriadas à compostura da capital, eram em grande número e aqui citarei: o *Vigia*, da Avenida, perto da rua das Pretas, sucessora de outras que, como ela, desapareceram, filhas de uma célebre locanda onde pontificava «Diogo Alves», o temeroso facínora; a *Estrela de Ouro*, da rua da Prata, que acabou há pouco e meteu obras não sei para quê, depois da morte do seu proprietário, o velho Agapito Serra Fernandes, galego de Mondariz, que, muito rico e muito trabalhador, construiu, à Graça, um bairro com o nome do estabelecimento e deixou boa fama de empreendedor e inteligente; a *Flôr de S. Roque*,

gerida por um galego gordo e anafado, sempre de boné ao lado, com um cosinheiro de suissas, côxo, muito popular no Bairro Alto, casa a que sucedeu o actual *Restaurant Roma*; o *Restaurant Paris*, instalado em S. Pedro de Alcântara, esquina da Travessa da Cara, por muito tempo propriedade de um irmão do galego referido, casa onde se deram banquetes de republicanos presididos por França Borges e gente do *Mundo*, e que está hoje transformado numa *casa de mariscos*, depois de ter sido uma *pensão*; os *Irmãos Unidos*, que ainda lá estão no Rossio, com as cozinhas para a rua da Praça da Figueira, antiga propriedade dos irmãos Guisados, oriundos de uns galegos, também irmãos, que se associaram na exploração da casa; o *Tábuas*; o *Fôrma* ou o *Estrêla de Prata* e o *Novo Dia*, nas imediações de S. Domingos; o *Valmôr*, nas avenidas novas, grande centro de reunião de boémios e fadistas; a *Taberna Inglesa*, com os seus célebres bifés, o *Geraldes*, o *Campo Grande*, o *Restaurant do Corpo Santo* e outros a S. Paulo e no Caes do Sodré; o *Friagem* na travessa da Palha; o *Barracão* ou o *Fortes*, à Trindade, perto do Ginásio, hoje substituído por um *bar*; o *Alfaia* na travessa da Queimada, esquina da rua do *Diário de Notícias*, e o *Primeiro de Maio* na rua da Atalaia; o *Meia Noite* na travessa da Agua de Flor; o *Tacão* na travessa seguinte, onde em ceias bem regadas e famosas se reüniam o Telmo, o Cardoso, o Marcelino Franco e muitos outros actores, jornalistas e artistas; o *Bessa* da rua dos Douradores, propriedade de um minhoto, nascido na raia galega, cujo filho mais velho é hoje mordomo de um Hotel nas águas de Melgaço; o *Pessoa* da travessa de Santa Justa, onde davam, com o nome de *meia económica*, um pratinho com uma pequena laranja ou uma maçãcita, nozes, amendoas e figos, *meia económica* que esqueceu e é hoje substituída com a mesma gíria por um prato de sopa menos avantajado; a *Argentina* na rua do Príncipe, hoje do Primeiro de Dezembro; a *Cova Funda* na rua das Pretas e a *Adega da Figueira*, à Praça da Alegria; o *Alvarinho* em S. João da Praça; o *Cartaxeiro* da rua dos Douradores, com o seu *chispe migado*; as *Velhas* na rua da Conceição da Glória, onde a cosinha era manipulada por mulheres da província, que também serviam às mesas, casa hoje gerida por uma francesa e pelo seu companheiro, o lutador Manuel Gonçalves; o *João das Velhas*, na mesma rua, casa fundada por um antigo criado das *Velhas*, hoje criado

do Café Gêlo; a *Floresta*, ainda hoje no largo de D. João da Câmara, junto ao Teatro; o *Quebra Bilhas*, o *Colete Encarnado*, a *Casa do António Rosa* e o *Restaurant do Campo Grande*, êste sucessor da tão frequentada *Nova Cintra*, à Calçada de Carriche, todos no actual Campo 28 de Maio e célebres pelos tempos das esperas de toiros, como o *Zé Azeiteiro*, cerca da Praça do Campo Pequeno, vindo do pátio do Buraco, onde era freguês assíduo o velho cavaleiro Mourisca, propriedade de um toureiro que, com aquele apodo, muito brilhou na Praça do Campo de Santana e nas da província; a *Chouriça* no Campo de Santa Clara, que reunia os frequentadores e vendilhões da feira da Ladra; o *Restaurant dos Caminhos de Ferro*, a Santa Apolónia; o *Caçador*, em Belém; o *Sete e Sete*, em Alcântara, grande casarão onde serviam belos jantares, muito conhecido nos tempos da feira que perto se realizava; as *Casas das Geleas*, onde serviam magnificas empadas à moda do Alentejo, e ostras com recheio, uma a S. Pedro de Alcântara e outra na rua do Loreto, em frente dos Verissimos, ao Camões; o *Fortes*, na rua de S. Bento, na embocadura que leva ao Conde Barão; o *Paco*, na rua das Gáveas, sucessor de outro do mesmo nome na rua da Rosa; a *Adega da Figueira*, de que já falei, sucessora da *Padeira* da Praça da Alegria; o *Peixe Assado*, a S. Roque, rival de outro *Peixe Assado* da travessa da Palha, onde se comiam as *canôas*, postas de pargo ou de pescada com o seu rico mólho e batatinhas, servidas em uns covilhetes de barro que iam ao fôrno e davam nome ao petisco; o *Mealhada*, a S. Roque, perto do Largo, propriedade de Cândido Maneiro Bal, galego de nomeada que, por muito tempo dirigiu a fabricação dos pastéis de bacalhau no *Quintão*, casa de vinhos de que nos ocuparemos, galego que abriu a casa com um tosco balcão e umas derrancadas mesas de pinho, vendendo aos fregueses sardinhas assadas e um vinho da Mealhada, de rachar pedras, que deu nome ao estabelecimento; o *Santareno*, em frente do Teatro do Ginásio, na rua da Trindade, casa ornada de muitas pipas onde se reuniam actores e jornalistas e onde está hoje a perfumaria Robert, vinda da loja que ficava duas portas mais acima; o *Marinho*, na mesma rua, esquina da travessa, onde está hoje uma casa de penhores; o *Magina*, de que já falámos.

Outras casas mais somenos se abriam em outros pontos da cidade, como, na travessa da Espera, o *Farta-Brutos*, balúca instalada em uma

loja para a qual se descia por dois degraus, e administrada por um galego hercúleo, antigo cosinheiro de bordo, casado com uma mulher muito franzina que servia às mesas.

— Chamam-me o *Farta Brutos*, dizia o galego, para me chamarem bruto, quando, afinal, os brutos são eles...

A casa era muito bem freqüentada por gente de jornais e de teatros. Entre os fregueses, figurava o Reinaldo, chefe da *claque* do teatro da Trindade e bombeiro voluntário, de quem o cenógrafo José de Almeida, com a sua mania de falar em verso, dizia:

Há um bombeiro chamado Reinaldo,
Só chega ao fogo depois do rescaldo.

Certa noite, estava o *Farta Brutos*, que tinha o apelido de Fortes e já morreu, a dormir, encostado ao balcão, com as mangas arregaçadas, quando entrou na locanda o Biscaia, boémio do tempo, companheiro do Reinaldo, que andava quasi sempre com o seu grão na aza. Vendo-o em tal posição, começou a cofiar-lhe uma das mãos e a cantar, como na *Viuva Alegre*:

Tua mão está fria...

O galego acordou, pôs-se em pé e gritou:

— Pudera! Não havia de estar fria! Eu estive *alá* dentro a *labá-los* copos!

Continuando na série das casas onde se petiscava, citar-lhes-ei o *Magrinho*, da rua do Telhal, célebre cosinheiro de Coimbra, muito apreciado ali pelos académicos, em cuja casa de Lisboa pontificavam a Bárbara, mulher de armas, de rara formosura e largo cadastro de desordeira, e a *Júlia Florista*, cantadeira de fados, que precedeu as actuais, irmã da actriz Maria de Oliveira, que foi também florista e corista do Trindade e morreu no Brasil; a *Culinária do Faustino*, empresa de jantares que esteve largos anos na loja onde hoje está o *Paladium*, tendo morrido há pouco tempo o *Faustino*, que era um cosinheiro de mão cheia; a casa do *Reinata*, na rua Jardim do Regedor, sendo o *Reinata* um velho cosinheiro das feiras, rival do *Pincha*, do *Carapetino*, do *Machadinho* e da *Maria Botas*, que confeccionava belas petisquei-

Continua.

Velhas casas de Lisboa

POR FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

I

A casa em que nasceu o Beato João de Brito

(Continuado do n.º 15, págs. 109)

*

2.ª SÉRIE DE DOCUMENTOS

TEM (no rosto da 4.ª escritura) os seguintes dizeres, de várias letras:

« N.º 32.

« N.º 16. Morgado Rego.

« Quatro Escripturas das Casas citas ao Postigo de Santo Andre pert.ªs ao Morgado do Rego cujas Cazas são nesta Cid.ª de Lx.ª »

1.ª Escriitura — Instrumento de venda, quitação e obrigação, de 23 de Dezembro de 1785, passado em Lisboa, às Escolas Gerais e casas de morada de José dos Santos Rodrigues, pelo notário António Joaquim de Queiroz.

1.º Outorgante: Frei Miguel da Lus, Religioso de Nossa Senhora da Graça, em nome e como procurador bastante do Padre Pregador Geral Frei José Brochado, Religioso da mesma ordem, e também assistente no Convento da Graça.

2.º Outorgante: Manuel António Coutinho, com loja de mercearia no Campo de Sant'Ana e ahí morador.

Disse o 1.º Outorgante: que o seu constituinte é senhor do domí-

Empresa Insulana de Navegação

✦ Carreiras regulares entre LISBOA, MADEIRA e AÇORES ✦

Escalas-datas das saídas dos vapores:

Em 8 de cada mês, para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial

Em 23 de cada mês, para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Córvo e Faial (Lages e Santa Cruz)

A escala da Ilha do Córvo, só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele pórtio no mês de Fevereiro: só para troca de correspondência e serviço de passageiros

Agentes: GERMANO SERRÃO ARNAUD

Aven. 24 de Julho, 2, 2.º D. / LISBOA

TELEFONE 2 0214

Na Madeira

Em Ponta Delgada

BLANDY BROTHERS & C.º

BENSAUDE & C.º



milhares de formosas crianças

em todo o mundo crescem felizes e robustas, ao abrigo das doenças. São inumeráveis BÉBÉS NESTLÉ que devem a saúde às excelentes papinhas de

FARINHA LACTEA
NESTLÉ

alimento preparado especialmente para crianças

PEDIR AMOSTRAS GRÁTIS À
CASA NESTLÉ

R. Sociedade Farmacêutica, 39 / LISBOA

A MARINHA MERCANTE AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

nos últimos dez anos a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

mandou construir para o serviço das Colónias cerca de vinte mil toneladas assim discriminadas:

Quanza, da linha rápida da Africa Oriental	6.500 Ton.
S. Tomé, navio-motor da linha da Africa Ocidental.	9.100 "
Inharrime, vapor do serviço de cabotagem de Moçambique	1.665 "
Tagus, navio-motor do serviço de cabotagem Pôrto-Lisboa	1.600 "

A C. N. N. dispõe ainda, para os serviços de carga e passageiros, das seguintes unidades:

Serviço regular de carga e passageiros:

para a Africa Oriental
para a Africa Ocidental
para Nova York

Niassa, da linha rápida da Africa Oriental	9.000 "
Angola, da linha rápida da Africa Oriental.	8.300 "
Cubango, de serviço de carga da Africa Ocidental.	8.300 "
Lourenço Marques, linha rápida da Africa Ocidental.	6.400 "
Cabo Verde, do serviço de carga da Africa Ocidental.	6.200 "
Congo, de reserva em Lisboa.	5.000 "
Luebo, do serviço costeiro de Moçambique.	1.385 "
Chinde, do serviço costeiro de Moçambique.	1.382 "
Save, do serviço costeiro de Moçambique.	763 "

Pedir informações à C. N. N.

Sede: R. do Comércio, 85 - LISBOA ✦ Sucursal: R. do Infante D. Henrique, 75-2.º - PORTO

AMIGOS DE LISBOA

Edições do Grupo, limitadas e algumas quasi esgotadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

Noite de Evocação do Café Martinho (*esgotado*)
Noite de Evocação do Leão de Ouro 5\$00 7\$50

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia de S. Vicente.
Edição vulgar 5\$00 6\$00
Edição especial 12\$00 20\$00

Urbanização de Lisboa 2\$00 3\$00

LUIZ MOITA

Ermida de Santo Amaro 6\$00 7\$00

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo 2\$00 3\$00
Igreja da Penha de França (*esgotado*)
A Faculdade de Medicina 4\$00 5\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha 2\$00 3\$00
A Igreja e o Convento da Graça 5\$00 7\$50

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL)

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão 4\$00 5\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha 8\$00 10\$00
O Campo de Santa Clara 4\$00 5\$00

LUIZ CHAVES

Lisboa no Folclore 4\$00 5\$00

RUY DE ANDRADE

Alfredo de Andrade e alguns problemas de edilicia citadina 4\$00 5\$00

Olisipo. De 1 a 15. Cada número 5\$00 7\$50

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett 4\$00 5\$00

ALFREDO DA CUNHA

«Olisipo» Berço do Periodismo Português 4\$00 5\$00

Edições consignadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$00 7\$50
A Rua das Canastras 6\$50 8\$00
Critica, Correccões e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mário) 4\$00 6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé. 6\$50 7\$50
Tempos que Passaram 10\$80 12\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Calçada da Ajuda.
Edição vulgar 6\$50 7\$50
Edição especial 13\$50 15\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 15, cada 7\$00 8\$00

JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES

Lisboa — da sua vida e da sua beleza 3\$60 4\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos 4\$00 5\$00

FRANCISCO CANCIO

Aspectos de Lisboa no século XIX. 108\$00 120\$00
Lisboa de outros Séculos — à Sombra dos Paços Reais. 54\$00 60\$00
Lisboa de outro século «Cem anos de Pictoresco» 63\$00 70\$00

ALBERTO MEYRELLES

Lisboa Ocidental. 8\$00 10\$00

CONDE DE ALMADA

Relação dos Feitos de D. Antão de Almada.
Edição vulgar 10\$80 12\$00
Edição especial 18\$00 20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa 7\$50 8\$50

ARQUITECTO PAULINO MONTEZ

A Estética de Lisboa. 18\$00 20\$00
Lisboa-Alcântara / Alvito 13\$50 15\$00

CORONEL MIGUEL GARCIA

Pátria e Independência. 3\$00 3\$50
Fundação da Nacionalidade. 3\$60 4\$00

JOÃO PINTO DE CARVALHO (TINOP)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada 7\$00 8\$50

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (Sidónio Miguel)

Bagatelas do tempo vario 8\$00 10\$00

JORGE HUGO PIRES DE LIMA

Propriedades de S.ª Cruz de Coimbra em Lisboa no século xii 4\$50 5\$00

E todas as edições culturais da Câmara Municipal de Lisboa

nio util de um Praso que consta de uma propriedade de casas sitas ao Postigo de Santo André, foreiras a Pedro Vaz Soares do Rego Castelo Branco, com foro de 6.666 Rs. e laudémio de quarentena, sendo primeira vida dêsse Praso, e que êste lhe pertence por sentença (vid. adiante, nos Anexos). Que pediu licença ao seu Prelado para a presente escritura poder ser lavrada. Que consertara com o 2.º Outorgante a venda dêste Praso por 2.150\$000 Rs., livres, quantia por êle entregue naquele acto.

Disse o 2.º Outorgante: que aceita as condições desta escritura. Mostra, por certidão junta, o pagamento da meia siza, lançada a fls. 136 do Livro respectivo dos bens de raiz do ano de 1785 (sendo a outra meia siza livre pelo privilégio do 1.º Outorgante), pagamento efectuado a 22 de Dezembro de 1785.

Anexos a esta escritura:

a): *Procuração.* — A 21 de Dezembro de 1785 Frei José Brochado, Definidor e Pregador Geral da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, assistente no Convento da Graça de Lisboa, passa procuração bastante ao Padre Frei Miguel da Lus, Procurador dos Foros e Capelas e mais dependências daquele Convento.

b): *Conceção de licença para uso desta procuração.* — A 21 de Dezembro de 1785 o Prior do Convento despacha, concedendo licença no requerimento que o 1.º Outorgante lhe fêz e em que o mesmo diz que: sendo dono e possuidor, com licença de seus Prelados, de um Praso de Casas no Postigo de Santo André, com os quais correu litígio pela Inconfidência, Noviciado de Arroios, de que foi escrivão Francisco Xavier Morato Broa, julgado a seu favor, e, em virtude de o não poder reter na forma da lei sem especial graça de Sua Magestade, as ajustou vender a Manuel António Coutinho, pela quantia de 2.150\$000 Rs.

2.ª Escritura:

Procuração particular. — Passada em Lisboa, a 18 de Fevereiro de 1785, por Gonçalo Lourenço Botelho de Lemos Rego e Castro a João Francisco da Costa, para tomar posse em seu nome, dos bens em que succedeu por falecimento de seu tio, Pedro Vaz Soares do Rego Castelo Branco.

Anexos a esta escritura:

a): *Auto de posse e ratificação*. — A 16 de Abril de 1789, na Quinta da Calvana, freguesia do Campo Grande, termo de Lisboa, João Francisco da Costa, na qualidade de procurador de Gonçalo Lourenço Botelho de Lemos Rego e Castro, toma posse desta Quinta (para o estudo da qual o leitor poderá ver do que ela se compunha, na transcrição do documento adiante).

b): *Auto de posse e ratificação*. — No mesmo dia, no Campo de Sant'Ana, casas de morada de Manuel António Coutinho, com loja de mercearia, o escrivão [Mateus Gonçalves da Costa?], acompanhado por João Francisco da Costa, procurador bastante do referido Gonçalo Lourenço Botelho de Lemos Rego e Castro, toma posse do senhorio directo das casas de que é enfiteuta Manuel António Coutinho, 2.^a vida dêsse Praso, de umas casas sitas a Santo André, de que paga foro, na importância de 6.666 Rs., pertencentes ao vínculo de que foi administrador Pedro Vaz Soares do Rego Castelo Branco, tio do seu constituinte, e em que lhe sucedeu por seu falecimento. [Nota: Esta peça encontra-se truncada].

c): *Cópia de uma sentença sôbre o Morgado do Rêgo*. «*Sentença de Francisco de Baena Sanches contra D. Mariana de Abreu Rego.*»

Vê-se dos autos:

α): *Por parte da Autora*. — Estar esta Senhora (D. Mariana de Abreu Rego) de posse do Morgado instituído pelo Doutor João do Rego Pereira, de que foi administrador seu pai, António de Abreu Rego;

que por morte dêste houve ela o morgado por ser filha mais velha e não haver filho varão, fazendo parte dos bens dêsse morgado umas casas sitas junto ao postigo de Santo André, «que no tempo da instituição eram divididas em diferentes moradas e hoje são umas casas nobres em um assentamento sòmente».

Que destas casas se vê estar o Reu, Francisco de Baena Sanches, de posse sem título, o qual as deve restituir à Autora.

β): *Por parte do Reu*. — Que fazendo o Doutor João do Rego morgado de seus bens, entre êles vinculou umas casas ao Postigo de Santo André, que rendiam 12.000 Rs.

Que, passados anos, as casas se arruinaram, não sendo mais que pardieiros, sem qualquer reparo possível.

Que sendo nesse tempo possuidor do Morgado Pedro do Rego Pereira, bisneto do instituitor, emprazara as ditas casas em três vidas a André Lopes Franco, com o foro de 5\$000 Rs. cada ano.

Que por morte dêste foi segunda vida seu filho, Manuel Franco.

Que êste Manuel Franco, sendo devedor ao D.^o Bento de Baena Sanches (pai do Reu) da quantia de 400\$000 Rs., êste, por sentença, arrematou as ditas casas, pedindo licença ao senhorio directo, que então era Jorge do Rego, o qual recebeu o respectivo laudêmio.

Que depois o referido Jorge do Rego emprazara essas casas ao D.^o Duarte Alves de Abreu.

Que êste D.^o Duarte Alves de Abreu nomeou 2.^a vida no praso a D. Mariana Machado, mãe do Reu.

Que D. Mariana Machado o nomeou a êle, Reu, 3.^a vida.

Que posto essas casas fôsem vinculadas, se podiam emprazar, visto ter para isso havido provisão régia.

Que foi válido o 2.^o emprazamento, embora não precedesse de licença [do directo Senhor], por se costumarem assim fazer os emprazamentos em bens de morgado, para o que basta uma vez se emprazem, faltando assim direito à Autora para reivindicar tais bens.

Que na instituição daquele morgado se proibia que algum herdeiro dêle casasse com filho ou filha de casta de judeu, àquem do 4.^o grau.

Que a Autora [D. Maria de Abreu Rego] era filha de António de Abreu Rego e êste era filho de Diogo de Abreu e de Guiomar Borges, cristã nova de todos os quatro costados, sempre por tal tida e havida.

Que, por isso, carecia à Autora direito para pedir bens do morgado, de que não era legítima administradora.

4): *Sentença.* — A Autora, como sucessora legítima do Morgado, pode reivindicar os bens pertencentes a êle e se achem alheados, pois se não prova o defeito de sangue articulado pelo Reu; pois a Autora provou o contrário por documentos juntos ao processo, pelos quais se vê a pureza do seu sangue.

Porém, consentindo o direito a emprazamento nos termos em que aquele foi feito, falta à Autora acção para reivindicar tais bens, embora seja reconhecida senhoria directa dêles. Condenada nas custas. Lisboa, 27 de Novembro de 1683.

5): Parece seguir-se um agravo por parte da Autora, que o terá

perdido, contra o Corregedor da Côrte; mas em que se declara «à Auctora seu direito sôbre se as gerações do emprazamento eram acabadas para o Reu poder pedir nova renovação».

E manda o juiz que, sem embargo de uns, e outros embargos não recebe, se cumpra a sentença embargada.

*

Voltemos à genealogia.

Ficámos conhecendo, ao tratar da 1.^a série de documentos, uma seqüência de membros de uma família, na posse da qual estava êste morgadio, e, procurando essa família em Andrade Leitão, vimos também que todos os documentos corroboravam o que escrevera o genealogista illustre. Termina porém êste autor o seu título na irmã de Jorge de Rego Pereira, D. Genebra Pereira, 5.^a Administradora, que, herdando o morgado de seu irmão (por êste não ter filhos), e (não os tendo também), o deixou a seu marido, que foi o 6.^o Administrador de tais bens, Salvador Pereira, Tesoureiro do Consulado em Lisboa, filho de André Velho de Azevedo.

Esclarece êle ainda que Salvador Pereira, tendo-lhe sido imposta demanda por dever vagar para a Corôa o Morgado, por falta de descendência do instituidor, êle a ganhou mostrando que a instituição permitia ser nomeada qualquer pessoa que tivesse algum parentesco com os instituidores «e que êle o tinha com sua mulher, posto que não fôsse em grau conhecido».

Não sabemos como se teria provado tal asserção nem ganho com semelhante provará esta acção contra a Corôa.

Também não conhecemos quem fôsse o immediato sucessor de Salvador Pereira, porque Andrade Leitão não o diz já, nem os nossos documentos o referem.

Mas o mesmo genealógico em «Abreus, Senhores do Morgado da Quinta da Charneca junto a Lisboa», que é este Morgado dos Regos, de que estamos tratando (49-XII-26, págs. 135, Bibl. Ajuda), descreve esta geração, como para aqui a trasladamos:

«*Duarte de Abreu* foy S.^{or} do dito morgado da quinta da Charneca que instituíu o Dr. João do Rego em tt.^o de Regos, e não sabe-

mos porque via nele succedeo. Cazou com Beatriz Teixeira. De que teve f.^{os} (1).

1 Miguel de Abreu, N.^o 2.

2 Frei Bertolameo de Santo Agostinho, frade e Provincial na dita ordem.

3 D. Izabel de Abreu m.^{or} de Francisco Figueira de Azevedo, c. g. em tt.^o de Figueiras de Azevedo (49-XII-34), págs. 529), (que foi Comendador na Ordem de Cristo, serviu na Índia e em África, Provedor de Tanger, no tempo em que era Capitão o Sr. D. António, e Provedor da Armada com que el Rei D. Sebastião passou a África e Cativo na batalha de Alcacer. C. G.).

2 *Miguel de Abreu*, f.^o 1.^o deste Duarte de Abreu. Cazou com Antónia Leitão, f.^a de Francisco Lopes Leitão e de Guiomar de Carvalhosa em tt.^o de Leitões.

De que teve f.^{os}.

1 Frey Lopo de Abreu, frade do Carmo.

2 Frey Luiz de Abreu, frade da Trindade.

3 Diogo de Abreu. 3.^o

4 e três f.^{os} mais que morrerão na India.

3 *Diogo de Abreu* f.^o deste Miguel de Abreu, foi Senhor do dito Morgado. Cazou com Guiomar Borges de Mesquita. De que teve f.^o

António de Abreu. 4.

4 *Antonio de Abreu*, f.^o deste Diogo de Abreu e seu herdeiro. Cazou com D. Maria Antónia de Castelbranco, f.^a do Dez.^{or}

(1) Inocêncio, «Diccionario Bibliographico...», Vol. I, págs. 79, cita a este Duarte de Abreu mais um filho: António de Abreu, o Engenhoso, poeta e amigo de Camões, autor, segundo Lourenço Caminha, que o publicou em 1805, do seguinte trabalho: «Obras ineditas de Antonio de Abreu, amigo e companheiro de Luis de Camões no estado da India. Fielmente extrahido do seu antigo manuscripto, que possuímos em papel asiatico». Lisboa, Imp. Regia. d. supra. Vid Inocêncio, quanto às suas dúvidas. Inclino-nos para o caso contrário: que terá sido antes Caminha quem tenha plagiado António de Abreu e não publicado poesias suas em nome deste. Barbosa, na sua «Biblioteca Lusitana», vol. I, págs. 195, onde, sem dar a sua filiação, o diz no entanto irmão de Frei Bartolomeu de Santo Agostinho, refere que dêle possuía um manuscrito de «Versos sagrados e profanos».

Sebastião de Abreu Serrão e de D. Mariana de Castelbranco.»

Por aqui, pois, ficamos sabendo de mais uns quatro administradores do vínculo, supondo que aquele Duarte, com que se inicia esta nova série, tenha sido irmão, filho, sobrinho ou primo do nosso conhecido Salvador Pereira, último da série anterior, pelo seu casamento com D. Genebra Pereira.

Pela escritura que há pouco extratámos se ficou sabendo que *Antonio do Rego Abreu* foi administrador do Morgado. Era filho, como já vimos, de Diogo de Abreu, casado com Guiomar Borges, a quem foi imputada a pecha de cristã nova pelos quatro costados, o que se não provou. Pelos dados genealógicos que acima transcrevemos se fica sabendo que êstes Diogo e António de Abreu vinham já de um Duarte de Abreu e de um Miguel de Abreu, o primeiro dos quais, pelo menos fôra já Administrador do referido Morgado, instituído pelo Dr. João do Rego em 1504.

António do Rego teve, além de outras, sua filha primogénita, a: *D. Mariana de Abreu Rego*, que vivia em 1683 e sustentou o pleito com o Dr. Francisco de Baena Sanches, neto daquele Desembargador Bento de Baena Sanches, arrematador dos bens de Manuel Franco, 2.^a vida no Praso, isto vivendo o Administrador do Morgado, Jorge do Rego Pereira, irmão daquela D. Genebra, que deixou o vínculo a seu marido, o referido Salvador Pereira.

Deve D. Mariana (ou alguma irmã sua) ter casado e deixado geração; pois já em 1699 nos aparece um novo Administrador: *Pedro Vaz Soares do Rego Castelo Branco*.

Não sabemos também se êste Pedro Vaz Soares casou; não deve, porém, ter deixado sucessão, embora nos apareça durante um largo período como Administrador do morgadio, 1699 a 1785. Foi seu herdeiro seu sobrinho *Gonçalo Lourenço Botelho de Lemos Rego e Castro*.

Êste Gonçalo Lourenço, que provàvelmente já não terá recebido a administração do vínculo muito novo, aparece-nos como senhor dêle em 1789.

(Continua)

ÍNDICE DO 4.º VOLUME — 1941

A ARTE DO AZULEJO EM PORTUGAL, por LUIZ MOITA	Pág. 27
ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA, em 1940	» 29
A IGREJA DO MENINO DE DEUS, pelo architecto ANTÓNIO DO COUTO,	» 127
A PARÓQUIA DE S. BARTOLOMEU DE LISBOA, por SIDÓNIO MIGUEL, págs. 6o e	» 83
BIBLIOTECA (Livros oferecidos)	» 31
BIBLIOTECA OLISIPONENSE, por ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO,	» 21
CRÓNICA—Um milhão de habitantes é demais—por HUGO RAPOSO,	» 26
DOIS PALMOS DE LISBOA EM BELEM, por NORBERTO DE ARAÚJO	» 40
EPITÁFIOS DE SEPULTURAS DO CEMITÉRIO DOS PRAZERES, por A. VIEIRA DA SILVA	» 116
LISBOA DE RELANCE, (em 1849), pelo Dr. ALFREDO DA CUNHA	» 75
NOTA DEMOGRÁFICA, pelo Dr. ARRUDA FURTADO	» 37
O CORAÇÃO DE D. PEDRO II, por J. M. CORDEIRO DE SOUSA	» 48
OS PETISCOS DE LISBOA E O CARNAVAL, por EDUARDO FERNANDES (Esculápio), págs. 110 e	» 138
«PERGAMINHOS» FADISTAS, por MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO	» 3
REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA DO ASSENTO DE BATISMO DO BEATO JOÃO DE BRITO	» 35
SONETO—D. Isabel de Sousa Coutinho (A «Sempre Noiva») por SIDÓNIO MIGUEL	» 25
VELHAS CASAS DE LISBOA, pelo Dr. FEDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL, págs. 51, 102 e	» 146

"Assô, Portugal! Aqui Alemanha"

"Fala a emissora alemã de ondas curtas"

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

(TODOS OS DIAS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS
16,15 às 16,30	D Z H	20,75	14.460
	D Z E	24,73	12.130
	D X S	19,79	15.160
18,45 às 19,00	D J D	25,49	11.770
	D J C	49,83	6.020
20,30 às 20,45	D J Q	19,62	15.280
21,30 às 21,45	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
21,45 às 22,00	D J D	25,49	11.770
	D J C	49,83	6.020
0,00 às 0,15	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130
2,00 às 2,15	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130

ACTUALIDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA

(TODOS OS DIAS ÚTEIS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS
22,30 às 22,50	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130
23,30 às 23,45	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130
2,15 às 2,30	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA

Excelente estrada marginal

Rápido serviço de combóios eléctricos

A mais elegante praia do País

TODOS OS DESPORTOS — Golf, Tennis

Hipismo, Natação, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL, Luxuoso e confortável

HOTEL DO PARQUE, Moderno e elegante

HOTEL DE ITÁLIA, Preços moderados

ESTORIL-TERMAS, Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

TAMARIZ, Magníficas esplanadas sobre o mar. Serviço de Bar

Piscina de água tépida — Sala de Armas

Escola de equitação — Stand de tiro

CASINO — Aberto todo o ano — Cinema — Concêr-
tos — Dancing — Restaurante — Bars — Roleta
— Banca francesa — Baccará

PARA INFORMAÇÕES DETALHADAS DIRIGIR-SE À
SOC. PROPAGANDA DA COSTA DO SOL-ESTORIL



MISERICÓRDIA DE LISBOA

LOTARIA NACIONAL PORTUGUESA

Os lucros revertem para a Misericórdia de Lisboa, Hospitais
Civís, Casa Pia, Menores em Perigo Social e Assistência
Pública da Colónia de Moçambique

Extracções semanais — Prémio maior 400.000\$00

GRANDE LOTARIA DO NATAL

A 20 DE DEZEMBRO DE 1941

Prémio maior 6.000.000\$00 (seis mil contos)